

As atividades da pesquisa iniciada em agosto de 2011 envolvem estudos teóricos, entrevistas com artistas e intelectuais, redação de resenhas e/ou artigos, exercícios cênicos e realizações pontuais como participação em intervenção urbana, oficinas ou assistência e análise de espetáculos. Acredita-se na necessidade de combinar teoria e prática na investigação artística, assim como de percorrer territórios transversais de conhecimento para pensar/criar a arte contemporânea, e mais especificamente as possibilidades de composição cênica a partir do tempo/espaço, definindo e experimentando princípios e procedimentos. Um dos primeiros exercícios foi pensar/criar o que seria esta imagem (tempo/espaço) em nossos corpos. Somos neste período seis participantes (contando bolsistas e colaboradores) convivendo dois dias por semana, onde nossa relação se dá de forma espontânea pelo espaço/tempo. Desenhamos, pois, topografias espaço/temporais, fotografias, objetos, iluminação, relatos, ou seja, possibilidades de reflexão e criação em grupo através de estratégias colaborativas, relacionais. Nesse contexto, a *memória* foi um importante recurso utilizado, levando reflexões da teoria para a prática, e vice-versa. Trabalhamos com espaços da memória, contidos em histórias, lembranças, objetos, desejos, e inquietações pessoais de cada um dos participantes. Também foi proposto a cada envolvido no processo que criasse um artigo a partir de um enfoque escolhido, dentre as perspectivas e linhas teóricas que estávamos abordando. Então fui-me levado a tratar justamente da memória como componente no processo de criação cênica. A partir de pensadores como Bergson, Deleuze e Pierre Lèvy, investiguei uma aproximação da idéia de memória com a de tempo como sucessão de espaço; a memória como uma possibilidade virtual que se potencializa e problematiza o "real". Em um segundo momento da pesquisa, desenvolvemos um trabalho conjunto que reúne o material prático/criativo que havíamos experimentado durante esse primeiro ano. Nesse exercício colaborativo de composição cênica, a memória se apresenta como catalisador na cena, indicativa de um caminho de releitura das ocorrências, do que se passou, onde a cena passa do nosso privado ao público, criando uma manutenção própria de organização onde a recorrência dinâmica dos sistemas de tempo/espaço analisados aqui, se tornam polifônicos. Assim, a memória deste processo mostrou-se com fonte para nossa criação cênica, que proporcionou-nos a vontade de colocar estes levantamentos na prática, criando espaços de reflexões teóricas dentro dela. Notamos que quando lembramos de algo já feito/vivido, estamos sempre lembrando de uma forma diferente, lembranças em forma de cone, em turbilhão, em simultaneidade, numa forma caótica, onde o passado coexiste com o presente e o futuro, e as sensações se misturam, e a experiência cênica surge vibrante. Assim, neste processo onde a memória da pesquisa se torna o catalizador da cena, entramos no terreno do expositivo, da

exposição de corpos, opiniões, sensações; o grupo envolvido se revela, transformando materiais pessoais em composição artística. Na nossa experimentação cênica a memória está levando-nos a situações inusitadas, a cotidianos revisitados, a sentimentos despercebidos, é uma potência presentificada numa carne.